

A ERA MODERNA NA CONCEPÇÃO DE HANNAH ARENDT: DO NASCIMENTO HISTÓRICO COM O *HOMO FABER* AO DESENROLAR SOB O SIGNO DA LABORIZAÇÃO¹

José Luiz de Oliveira²
Ana Lúcia Feliciano³

Resumo: A moderna alienação humana é um fenômeno significativo para o pensamento político arendtiano, pois no cerne de sua problemática está o mundo. Ocorrendo de duas maneiras, ela pôde ser experienciada pelo homem moderno tanto em relação ao seu *habitat* natural – a Terra – quanto ao mundo. Sob a perspectiva arendtiana, a ampliação das potencialidades do *homo faber*, o advento da ciência moderna e a emancipação do *animal laborans* assinalam uma era que sucedeu a eventos de caráter único. Para Arendt, a expansão do poderio humano, que passou a ter em suas mãos a Terra e o mundo, representa uma ameaça no que tange à esfera pública. A opção do *homo faber* pelo isolamento necessário à produção e o desamparo do *animal laborans* com seu sempre-recorrente ciclo vital contradizem a relevância do mundo e, por conseguinte, do estar entre homens. Nesse sentido, propomo-nos a descortinar a acepção arendtiana do fenômeno da alienação, o que nos coloca diante do paradoxo entre viver o jogo do mundo ou dar-se ao servilismo do corpo e da esfera privada. Para tanto, a partir das análises arendtianas, versaremos acerca da transição humana de *homo faber* a *animal laborans* propiciada pela moderna alienação do mundo.

Palavras-chave: Alienação. *Animal laborans*. *Homo faber*. Modernidade.

Abstract: The modern human alienation is a significant phenomenon described by the Arendt's political thought, so in its kernel is the world. Occurring in two ways, it can be experienced for modern men as much in relation to their natural *habitat* – the Earth – as world. According to Arendt's perspective, the enlargement of *homo faber* potentials, the advent of modern science and the emancipation of *animal laborans* distinguish an age that befell the event of unique character. For Arendt, the expansion of human power, which started to possess the Earth and the world, represents a threat concerning the public sphere. The option of *homo faber* for the necessary isolation to production and the abandoning of *animal laborans* with its natural vital cycle contradict the relevance of world and, therefore, of being among men. Regarding this, we intend to unveil the Arendt's understand of alienation phenomenon. Making us to face the paradox between living the world game or giving ourselves to body servile and the private sphere. Thus, relating to Arendt's analysis we are going to reflect about the human transition of *homo faber* the *animal laborans* proportionate by the modern world alienation.

Key-words: Alienation. *Animal laborans*. *Homo faber*. Modern age.

¹ A referida expressão indica que, sob a perspectiva arendtiana, a atividade do trabalho e, por conseguinte, o *animal laborans* tornaram-se ditames dos valores da modernidade de modo que o mundo, as atividades humanas e o relacionamento entre os homens são avaliados a partir dessas categorias.

² Doutor em Filosofia pela UFMG, professor do Departamento de Filosofia e Métodos da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). *E-mail:* jlos@ufsj.edu.br

³ Bacharelada em Filosofia pela Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ) e bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG). *E-mail:* luh.feliciano@gmail.com

INTRODUÇÃO

Discorrer acerca da era moderna é a forma encontrada por Arendt para explicitar os rumos que a existência humana tomou no transcórre da história. Dessa maneira, a pensadora política atenta para o contexto da modernidade, o qual é proveniente de um emaranhado de transformações na tessitura mundana. Oriunda do avanço científico, a modernidade seguiu a linha de fenômenos pré-modernos, os quais mudaram por completo os princípios que até então norteavam o homem no mundo. As descobertas, as rupturas e o desenvolvimento de instrumentos científicos possibilitaram que a ambiciosa pretensão de conhecer e conquistar se consumasse. Conseqüentemente, a era moderna é marcada pelo “aumento” da estatura humana. Não por menos, pois nunca se viu antes igual exercício da capacidade de fabricar, ampliação e emprego das faculdades cognitivas e o poder humano sobre a Terra e o mundo. Contudo, para Arendt, esses encadeamentos têm um denominador comum. Sem dúvida, tornaram-se plausíveis mediante o fenômeno da moderna alienação do mundo.

Por um lado, a fuga da realidade mundana possibilitou o advento da ciência e, portanto, o ápice do *homo faber* com sua mentalidade técnico-científica. Por outro, a fuga humana do mundo tornou o subjetivismo uma característica da modernidade e o único meio encontrado para o restabelecimento do vínculo entre o homem e o mundo: o corpo. Mas conforme alega Arendt, isso teve um alto preço: de *homo faber*, o homem moderno, envolvido em demasia no culto à privacidade e a si mesmo, tornou-se tão logo o *animal laborans*. Destarte, seguindo a linha de raciocínio arendtiana, propomo-nos a elucidar o modo como ocorreu essa transição na vida humana. Para tanto, num primeiro momento, iremos expor a alienação do mundo, um conceito chave, que nos permite refletir sobre o desenrolar da era moderna. Na sequência, atentaremos mais propriamente para os desencadeamentos desse fenômeno, o que significa que explicaremos como se deram a culminância do *homo faber* e, posteriormente, a decadência humana na figura do *animal laborans*.

A MODERNA ALIENAÇÃO: A FUGA HUMANA DO MUNDO

No tocante à era moderna, período no qual estão situadas as reflexões da pensadora política Hannah Arendt (1906-1975), são ressaltados três eventos fundamentais, que, embora sejam pré-modernos, corroboraram em boa medida o desenvolvimento de um novo *modus vivendi*. Cabe destacar que esses acontecimentos são realçados, pois Arendt considera que “um evento histórico é, por definição, a expressão do caráter livre, ilimitado e imprevisível do

agir humano” (ALVES NETO, 2009, p. 45). Os eventos em questão são a descoberta da América, o movimento religioso da Reforma e a invenção do telescópio, que denota a “primeira hesitante mirada na direção do universo” (ARENDT, 2016, p. 319). Embora “os nomes ligados a esses eventos – Galileu Galilei, Martinho Lutero e os grandes navegadores, exploradores e aventureiros do tempo das descobertas – [pertencam] ainda a um mundo pré-moderno” (ARENDT, 2016, p. 307), eles merecem destaque, pois marcaram a História e o desenrolar da modernidade. Remetendo à criação daquele que foi o primeiro artifício humano de caráter científico, Arendt (2016, p. 309) salienta que, apesar de ter “o menor impacto perceptível, [o telescópio representa] os primeiros passos tentativos do homem na direção da descoberta do universo”. Dessa maneira, em contraposição à opinião do vulgo, a pensadora aponta a criação e o uso desse novo instrumento como disparadores para a ascensão senhorial do homem, o que significa que foi “um instrumento feito pela mão do homem, o telescópio, que realmente mudou a concepção física do mundo” (ARENDT, 2016, p. 340). Além do que, foi o telescópio que deu margem para o desenvolvimento da ciência moderna, a qual deve sua “glória [...] [ao fato de] ter sido ela capaz de emancipar-se completamente de todas as semelhantes preocupações antropocêntricas, isto é, verdadeiramente humanísticas” (ARENDT, 2014, p. 327).

Os eventos citados são precursores da época moderna, uma vez que, ao apresentarem ao mundo um contingente de novidades, trazem à tona mudanças cruciais na forma de viver e pensar do homem. Cabe observar que “a *era moderna* começa para Arendt com as revoluções do século XVIII e se caracteriza pela generalização da atividade de fabricação e dos valores do *homo faber* (do homem enquanto fabricante do artifício humano)” (ALVES NETO, 2009, p. 52). A respeito desses eventos, a pensadora ressalta sua relevância em razão de eles terem representado uma ruptura com uma visão de mundo que se tornou obsoleta. Além disso, eles indicam que os anseios do homem estavam mudando e este não mais se conformava com o que lhe foi legado pelo passado, mas intentava descobrir sobre o desconhecido, ao que até então somente era plausível de ser concebido de forma especulativa e/ou imaginativa. Sob esse aspecto, cada evento representou um marco: a descoberta da América assinalou o alargamento do horizonte humanamente habitado; como consequência da Reforma⁴, houve “a

⁴ Considerados “os dois grandes movimentos religiosos da era moderna” (ARENDT, 2016, p. 314), a Reforma e a Contrarreforma são eventos relevantes para refletirmos sobre as peculiaridades da modernidade. No entanto, assim como a pensadora, não nos propomos a abordar a Reforma religiosa. Porém, como ponto crucial para nossas análises, é importante destacarmos apenas que ela designa basicamente uma grande ruptura da cristandade, tendo em

irremediável cisão da cristandade ocidental” (ARENDT, 2016, p. 308) e o amadurecimento de uma doutrina condizente com a prosperidade econômica. As novidades advindas marcaram o início de uma nova história. Segundo Arendt (ARENDT, 2016, p. 336), importantes nesse aspecto foram as descobertas telescópicas de Galileu, “o ancestral da ciência moderna”. Em termos mais evidentes, o marco de Galileu na história se deu em razão de ele ter usado “o telescópio de tal modo que os segredos do universo foram fornecidos à cognição humana” (ARENDT, 2016, p. 322), o que era, até então, impensado ou considerado impossível.

Associadas às descobertas marítimas, as provenientes do telescópio permitiram ao homem ampliar seus conhecimentos em relação à sua morada. Basicamente, o conjunto de descobertas relativas à morada da criatura mortal possibilitou o apequenamento do globo de modo que, “em nosso mundo, cada homem é finalmente tanto habitante da Terra como habitante do seu país” (ARENDT, 2016, p. 309). No pensamento arendtiano, isso assinala a conquista do homem sobre o espaço terrestre, o que pode ser comprovado com o próprio globo, o qual simboliza o achatamento do que anteriormente era imenso e inconcebível. Corroborando a relevância dos eventos mencionados, Arendt (2016, p. 338) alega que “não são ideais, mas eventos que mudam o mundo, e o autor do evento crucial da era moderna foi Galileu”. Sob esse pano de fundo, a pensadora assinala uma diferença crucial entre dois eventos determinantes para o desenrolar da modernidade. Se, por um lado, com a descoberta de continentes e oceanos temos a ampliação da Terra, por outro, com o uso do telescópio e os resultados obtidos, observamos o seu achatamento e, por conseguinte, sua redução a uma “bola”⁵. Todavia, é notório que “os mapas e as cartas de navegação das primeiras etapas da era moderna anteciparam-se às invenções técnicas mediante as quais todo o espaço terrestre se tornou pequeno e ao alcance da mão” (ARENDT, 2016, p. 310).

Em contrapartida às benesses de uma nova mentalidade, que instiga o homem à busca por respostas e conhecimentos em relação à Terra, a pensadora chama a atenção para uma constatação preocupante. Para Arendt (2016, p. 310), as capacidades humanas necessárias no referido empreendimento só podem “funcionar quando o homem se desvencilha de qualquer envolvimento e preocupação com o que está perto de si e se retira a uma distância de tudo o que o rodeia”. Isso é alarmante, pois o poder senhorial do homem e a conquista do espaço terrestre só podem ser efetivados à custa do distanciamento do mundo humano, o que evidencia que “as novas descobertas haviam assestado um golpe ainda mais desastroso contra

vista a promoção de uma perspectiva individualista e voltada para o acúmulo de riquezas, o que é consonante com o protestantismo.

⁵ De maneira metafórica, é feita referência ao globo terrestre.

a confiança humana no mundo e no universo” (ARENDT, 2016, p. 342). Dessa forma, os três eventos enfatizados por Arendt apresentam um ponto comum, tendo em vista que corroboraram para que o homem tivesse conhecimento da sua morada e, por conseguinte, da dimensão de seu *habitat*. No que tange à descoberta da América e à invenção do telescópio, a partir das análises arendtianas, compreendemos que ambas aludem à ampliação das capacidades e do poder senhorial humano. Refletindo sobre esses eventos, a teórica política salienta a preponderância de uma nova compreensão da Terra, já que esta passou de simples progenitora da vida a objeto do pensamento científico.

Decorrente dos referidos fenômenos, Arendt (2016, p. 311) alega que houve “a alienação em relação à Terra, inerente à descoberta e à posse do planeta”, para o que corroboraram o apequenamento e o avizinhamo da superfície terrestre, uma vez dados o encurtamento das distâncias e o desenvolvimento científico, ambos provenientes da busca humana por respostas sobre o espaço terrestre. Consonante à mentalidade perquiridora que foi bruscamente alargada com a ocorrência dos referidos eventos, Arendt ressalta que a filosofia desencadeada com o francês René Descartes (1596-1650) também contribuiu para a alienação humana do mundo. “Desde Descartes, a filosofia procurou reduzir todas as relações do homem com o mundo e com outros a experiências entre o homem e ele mesmo” (ALVES NETO, 2009, p. 152). Em suma, esses fenômenos colaboraram para que o homem se tornasse alheio às questões do mundo humano e viesse a esvaziá-lo cada vez mais. Porém, diferentemente das descobertas geográficas e das invenções científicas, a Reforma⁶ religiosa e a filosofia moderna podem ser alocadas num conjunto de fatores que desembocaram na ênfase na singularidade e, portanto, num processo de introspecção. Para Correia (2014, p. 48), “a introspecção cartesiana, por um lado, absorve o mundo aos processos da consciência pelo ‘pesadelo da não realidade’ e, por outro, assume que, embora o homem não possa conhecer a verdade como algo dado e revelado, pode conhecer aquilo que ele mesmo faz”. Nesse sentido, conforme observa Arendt (2016, p. 314), “a evidência histórica mostra que os homens modernos não foram arremessados de volta a este mundo, mas para dentro de si mesmos”, o que contribuiu para a alienação humana do mundo; em outras palavras, o descuido com o lar erigido pelo homem na Terra.

⁶ Tomando como referencial o pensamento arendtiano, podemos estabelecer relações causais entre a Reforma do cristianismo ocidental e a proeminência da privatividade. Isso fica evidente, sobretudo, quando notamos que a aspiração de uma nova ética religiosa pelos adeptos da Reforma estava entrelaçada ao desejo de que houvesse, por parte da Igreja, o aval para a expansão da riqueza e da propriedade individual, ambas consonantes com o espírito capitalista em desenvolvimento.

Nas reflexões arendtianas, observamos que, em prol do desenvolvimento científico e do exercício de seu poder senhorial, o homem, no papel de *homo faber*⁷, abdicou da experiência genuinamente mundana. Não obstante, Arendt (2016, p. 340) alega que o que levou “ao novo conhecimento não foi a contemplação, nem a observação, nem a especulação, mas a ativa interferência do *homo faber*, da atividade de fazer e fabricar [*making and fabricating*]”. Em termos mais evidentes, isso alude ao fato de que o enfoque dado à produtividade humana, ao demandar o isolamento, corroborou para a moderna alienação do mundo. Nossa pensadora traz à tona o fato de que a sede humana pela posse de sua morada fomentou, sobremaneira, a necessidade de produção de novos artifícios, só que agora de caráter estritamente científico, técnico e utilitário. Até mesmo “o advento das ciências naturais é creditado a um aumento demonstrável e cada vez mais célere do poder e do conhecimento humanos” (ARENDR, 2016, p. 323). Logo, Arendt observa que o homem fabricante⁸ da era moderna passa a obrar na natureza não no intuito de produzir o artifício humano, mas de realimentar o processo de domínio terrestre.

AMEAÇAS À ESFERA PÚBLICA: OS DESENCADEAMENTOS DA ERA MODERNA⁹

A alienação humana, que é apresentada por Arendt como ameaça ao domínio público e político, efetiva-se de duas formas. De imediato, o que vemos com a alienação é a “fuga” humana do mundo em busca de conhecimento e compreensão da Terra e do universo. Demonstrações de que esse primeiro *modus* de alienação se tornou palpável estão situadas, de acordo com a pensadora, ainda nos eventos do mundo pré-moderno. Sob outro aspecto, a alienação se manifesta num processo de volta do homem para si mesmo, o que alude à evasão

⁷ O *homo faber*, com sua mentalidade técnico-científica, tendo como princípio orientador para suas ações a utilidade, assinala a ênfase na produção de bens necessários à existência mundana: “A fabricação (*poiesis*), o ato de fazer coisas) [...] sempre é levada a efeito quando o homem, de certa forma, se isola dos interesses comuns, não importa que o seu resultado seja um objeto de artesanato ou de arte” (ARENDR, 1989, p. 527). Em nome da fabricação e do exercício de seu poder senhorial, o *homo faber* abre mão do espaço intersubjetivo característico do mundo e se recolhe para a privatividade numa situação de isolamento da esfera da ação.

⁸ Situando o *homo faber* na história, a pensadora política salienta que na Antiguidade clássica os gregos manifestavam-se contrários aos artífices, isto é, homens *qua* seres fabricantes que produziam objetos de acordo com a conveniência. Contudo, distintamente desse período, Arendt expõe que na era moderna o *homo faber* ascendeu ao espaço da aparência, que desde os primórdios da política encontrava-se destinado ao homem que fala e age. Conforme elucidada Arendt (2016, p. 178), essa ascensão é justificada e vulgarmente aceita pelo fato de que “o *homo faber* é realmente amo e senhor, não apenas por que é o senhor ou se estabeleceu como senhor de toda a natureza, mas por que é senhor de si mesmo e de seus atos”.

⁹ No que tange a essa época histórica, Adriano Correia (2014, p. 46) afirma que ela “é mais adequadamente representada, para Hannah Arendt, pela alienação em relação ao mundo: no duplo sentido de abandono da Terra em direção ao universo e de abandono do mundo em direção a si mesmo”.

do mundo comum para a própria interioridade e aparece na filosofia moderna como expressão do subjetivismo¹⁰. Ademais, corroborando esse fenômeno, Arendt (2016, p. 85) destaca que “a moderna descoberta da intimidade parece constituir uma fuga do mundo exterior como um todo para a subjetividade interior do indivíduo”.

Arraigada às transformações da época moderna¹¹, Arendt (2016, p. 9) salienta que houve mudanças na hierarquia da *vita activa*, a qual designa “três atividades humanas fundamentais: trabalho, obra e ação”. Nesse sentido, tomando como referencial a *vita activa* que “se define pelas várias formas de engajamento ativo do homem nas coisas do mundo” (ALVES NETO, 2009, p. 57), a pensadora política analisa a alienação humana. Arendt afirma que o fenômeno tipicamente moderno desembocou na ênfase às capacidades lógico-cognitivas e produtoras do homem, o que posteriormente deu lugar à emancipação da atividade do trabalho¹². Ambas as implicações têm em comum o fato de simbolizarem a perda da existência mundana, bem como a proeminência do individualismo e da preocupação com a privacidade. Conforme é evidenciado no pensamento arendtiano, a moderna alienação humana é um fenômeno que contribui para o esvaziamento do cenário público e político, tendo em vista sua forma específica de conceber o homem e o mundo. Isso é comprovado, pois “as transformações promovidas nos primeiros estágios da era moderna inauguraram [...] o entusiasmo com a capacidade humana de *fazer* ou *produzir*” (ALVES NETO, 2009, p. 134, grifos do autor).

Abordar a alienação humana considerando a ameaça que ela representa à esfera pública demanda explicitarmos a distinção entre duas atividades humanas básicas: o trabalho e a obra. Exposição necessária, a fim de dar clareza à periculosidade da moderna alienação e elucidar em que sentido ela pode ser assim adjetivada. Sob a perspectiva arendtiana, o trabalho é a “atividade em que buscamos manter o metabolismo do nosso organismo com a natureza” (ALVES NETO, 2009, p. 188), diferente da obra, atividade em que o homem “fabrica a infinita variedade de coisas, cuja soma total constitui o artifício humano”

¹⁰ A esse respeito, Correia (2014, p. 47) alega que “Hannah Arendt percebe no subjetivismo que perpassa a filosofia moderna uma clara expressão da alienação do homem moderno”.

¹¹ Acerca desse período histórico, André Duarte (2002, p. 63) salienta que a perspectiva arendtiana enfatiza que, “a partir do século XIX, o homem deixou de ser interpretado como um ator político ou como um fabricante de objetos duráveis, para ser definido como um trabalhador constantemente empenhado na manutenção do ciclo vital que garante a sua sobrevivência e a da espécie, através da produção de bens destinados ao consumo imediato”.

¹² No que diz respeito a essa atividade, Odílio Alves Aguiar (2013, p. 92), consoante com o pensamento arendtiano, afirma que “o [seu] vínculo típico [...] é social, coletivo, mantendo, porém, o indivíduo, paradoxalmente, na solidão e na passividade. Trata-se de uma ligação muda e ditada pelo enfrentamento da escassez, atividade na qual os homens encontram-se envolvidos para solucionar as demandas concernentes à sobrevivência”.

(ARENDR, 2016, p. 169). O trabalho é a atividade que permite ao homem a conquista de meios pelos quais pode sobrepujar suas necessidades biológicas. Já com a atividade da obra, podemos edificar um mundo propriamente humano, que serve de abrigo para “a criatura mortal e instável que é o homem” (ARENDR, 2016, p. 169). Portanto, é evidente a distinção entre o *animal laborans* e o *homo faber*. A esse respeito, Arendt (2016, p. 173) elucida que “o *animal laborans*, que com o próprio corpo e a ajuda de animais domésticos nutre o processo da vida, pode ser o amo e o senhor de todas as criaturas vivas, mas permanece ainda o servo da natureza e da Terra; só o *homo faber* se porta na condição de amo e senhor de toda a Terra”. A problemática se apresenta em detrimento do fato de que, com a moderna glorificação do trabalho e a publicidade da esfera privada, o *animal laborans*¹³ tem desapropriado o mundo de suas características essenciais, tornando-o cenário para a busca infundável pela manutenção da vida.

Analisar a moderna alienação nos instiga a pensar o conceito arendtiano de mundo. Em poucas palavras, enquanto artifício humano, ele é o espaço objetivo entre os homens, criado pela atividade de fabricação (*poiesis*). Como criatura mortal, o homem sente a necessidade de erigir sobre a Terra um ambiente artificial. Isso se dá com a realização da potencialidade do *homo faber*, “a quem a natureza fornece o material com que é erigido o edifício humano” (ARENDR, 2014, p. 91). Em detrimento do fato de a natureza terrestre representar a circularidade da Terra, que por definição é imortal e se renova continuamente, o homem, na sede de conquistar a imortalidade, edifica um mundo onde a estabilidade e a durabilidade têm lugar garantido. Não somente a natureza é cíclica, mas a própria vida em seu aspecto animal é um processo repetitivo, que se limita no espaço e no tempo a menos que a criatura morra. No entanto, o homem não veio ao mundo unicamente com a prerrogativa de viver o tempo entre o nascimento e a morte, mas para desenvolver-se e exercer suas potencialidades. Logo, no intuito de superar a sua dimensão animal, o homem criador de coisas produz o artefato humano onde poderá se instalar e ampliar sua experiência de mundanidade: “Vistos como parte do mundo, os produtos da obra – e não os produtos do trabalho – garantem a permanência e a durabilidade sem as quais um mundo absolutamente não seria possível” (ARENDR, 2016, p. 115). Nesse caso, os princípios da conveniência e da utilidade são apresentados como fundamentos da fabricação. A partir deles, o *homo faber* cria

¹³ Em detrimento de sua preocupação exaustiva com a vida fisiológica, é marcado por um consumo destrutivo, que incide sobre os recursos naturais da Terra e o conjunto do artifício humano. Encarcerado numa situação de completa solidão, o homem, que se restringe a viver biologicamente, tem a constante “experiência de não se pertencer ao mundo, que é uma das mais radicais e desesperadas experiências que o homem pode ter” (ARENDR, 1989, p. 527).

ferramentas, objetos e utensílios que vão constituindo um mundo artificial, o qual abriga a existência humana.

O *homo faber* é uma figura marcada pela mecanicidade, o que, de certo modo, nos permite compará-lo a uma máquina programada para a produção em série. Nesse ponto, a pensadora concebe o perigo do homem fabricante, que, ao preocupar-se com a adição de objetos ao conjunto de produtos humanos, rejeita a ideia de que o mundo por ele criado tem um significado para além do artificial. Conforme elucida Arendt (2016, p. 253), o mundo é o “lugar adequado ao aparecimento humano, para a ação e o discurso”. Desse modo, Alves Neto (2009, p. 166) explicita que a “elevação da fabricação alçou o *homo faber* à posição de instaurador dos critérios da sociedade, na qual a utilidade e a serventia são estabelecidas como categorias últimas para o relacionamento dos homens com a natureza e com o mundo”. De acordo com a teórica política, a concepção do *homo faber* – a partir da categoria de meios e fins, e do critério de conveniência –, seu hábito de buscar a estabilidade e, ao mesmo tempo, a sua instrumentalização do mundo representam uma ameaça no que tange à constituição do domínio público.

Ao discorrer sobre a alienação humana, Arendt deixa claro que suas implicações não se restringem às duas atividades da *vita activa* expostas. Por ser um fenômeno diretamente relacionado à esfera pública, os resultados da alienação podem ser observados sob a perspectiva da obra e dos artefatos humanos. Segundo Arendt (2016, p. 11), são os produtos das mãos humanas que “conferem uma medida de permanência e durabilidade à futilidade da vida mortal e ao caráter efêmero do tempo humano”. A pensadora política atenta para uma atitude de abnegação em relação ao mundo edificado pelo homem e aos objetos por ele produzidos. Embora “a existência humana dependa do trabalho para a produção de meios de subsistência da vida orgânica” (ALVES NETO, 2009, p. 57), ao preocupar-se em demasia com essa atividade, o homem moderno deslocou seus interesses para a transitoriedade da vida, desdenhando do aspecto mundano de sua existência. Na modernidade, o *homo faber* tornou-se um fabricante em massa. Porém, corriqueiro em nosso tempo, é o fato de o homem estar se desvencilhando do papel de *homo faber*, tornando-se, pois, *animal laborans*, na medida em que faz do corpo seu instrumento de trabalho. Nesse sentido, Arendt (2014, p. 95) elucida que “nos estágios iniciais da Idade Moderna, o homem era primariamente concebido como *homo faber* até que, no século XIX, o homem foi interpretado como um *animal laborans*, cujo metabolismo com a natureza geraria a mais alta produtividade que a vida humana é capaz”.

No que tange aos seres humanos, Arendt salienta que a modernidade, em sua ênfase na capacidade humana de conhecer o espaço terrestre e de se apropriar do que o circunda, realça a figura do *homo faber*, sobretudo no papel dos cientistas, que têm posição de destaque em nossa era: “O progresso da ciência depende cada vez mais do gênio experimental do cientista aliado ao avanço da tecnologia, e, a partir daí, conhecer e fazer uso dos instrumentos passaram a ser momentos complementares” (CORREIA, 2014, p. 50). São os cientistas que ousam ir a fundo nas descobertas, desenvolvem experimentos¹⁴ impensados e iniciam processos que acreditávamos serem possíveis somente à natureza ou ao poder divino. Nunca antes se viu tamanho exercício do poder senhorial humano e jamais se utilizaram tanto as capacidades cognitivas e o conhecimento técnico [*know-how*]. Entretanto, “no mundo moderno, a fabricação passou a ser executada à maneira do trabalho, enquanto os produtos fabricados passaram a ser concebidos como bens de consumo” (ALVES NETO, 2009, p. 72). Apesar do desenrolar da época moderna, a teórica política alega que estamos colocando em perigo tudo aquilo que nos cerca, pois tamanha é a irresponsabilidade humana para com o cuidado com o mundo. O constante pôr à prova e as invenções científicas no desempenho de funções bélicas colocam em risco não só a existência humana, mas o mundo e o próprio ambiente terrestre. Não obstante, a partir das análises arendtianas, Rodrigo R. Alves Neto (2009, p. 131) destaca:

A era moderna tornou hegemônicas as atitudes do *homo faber*: a instrumentalização do mundo, a confiança no caráter global das categorias de meios e fins, a convicção de que qualquer assunto pode ser resolvido e qualquer motivação humana pode ser reduzida aos princípios da utilidade e da produtividade e, enfim, a identificação da fabricação com a ação.

Se, por um lado, Arendt observa a ampliação do potencial do *homo faber*, por outro, fazem parte da realidade da massa o desocultamento da privacidade na esfera social e, por conseguinte, a emancipação do *animal laborans*. Não obstante, a pensadora política alega que tanto a postura do cientista quanto a do homem comum são preocupantes, visto que ambas são marcadas por uma inconfiabilidade em relação ao mundo das aparências¹⁵. O cientista, em sua

¹⁴ Acerca da importância desse procedimento para a ciência, Correia (2014, p. 50) salienta que “o experimento [...] reforça a convicção de moderna de que o homem só pode conhecer realmente o que ele mesmo pode desencadear”.

¹⁵ A mentalidade do *homo faber* é apresentada pela pensadora como uma ameaça ao espaço da aparência – aquele que precede a constituição do domínio público –, visto que o homem fabricante atribui demasiado valor à produção e, portanto, tem a conveniência como critério para o seu pensar e agir. Para Arendt (2016, p. 195), a ameaça está na “generalização da experiência da fabricação, na qual a serventia e a utilidade são estabelecidas como critérios últimos para a vida e para o mundo dos homens”.

atitude de desconfiança para com o conhecimento apreendido pelos cinco sentidos humanos, está na constante busca por métodos de experimentação, observação e conhecimento puramente lógicos e técnicos. Nessa perspectiva, o desprezo pelo humano por parte dos homens da ciência, com seus experimentos cada vez mais potentes no sentido destrutivo, “demonstra que o cientista *qua* cientista não se incomoda sequer com a sobrevivência da raça humana sobre a terra ou [...] com a sobrevivência do próprio planeta” (ARENDDT, 2014, p. 339). O cientista está para o papel de *homo faber* assim como o homem moderno está para o de *animal laborans*. Nesse caso, o homem produtor e fabricante ao qual fazemos referência não é o desenvolvedor do artifício humano e construtor do mundo, porém é aquele que se preocupa exclusivamente em fazer ciência sem pôr em conta os custos de sua ação. É um *homo faber* que se isola e abre mão do contato com o mundo e dos demais homens em prol da expansão de sua racionalidade científica. Não por menos, Arendt (2014, p. 329) enfatiza que “a ciência moderna – não importa quais suas origens e objetivos originais – modificou e reconstruiu o mundo em que vivemos”. Sob esse aspecto, tendo em vista as peculiaridades da época moderna, em consonância com o pensamento arendtiano, Alves Neto (2009, p. 21) assevera:

Desde o advento da ciência moderna, embora não possa conhecer a verdade como algo dado e revelado, o homem pode, pelo menos, conhecer o que ele próprio faz. Essa posição lançou, geração após geração, toda a era moderna, durante mais de trezentos anos, num ritmo acelerado de exploração e desenvolvimento do pensamento técnico-científico.

Segundo nossa pensadora, o *homo faber* é paradoxal ao *animal laborans* e sua vida meramente orgânica dada sobre a Terra. De acordo com Arendt (2016, p. 199), determinante para a distinção é o fato de que, “ao contrário do *animal laborans*, cuja vida social é sem mundo e gregária, e que, portanto, é incapaz de construir e habitar o domínio público, mundano, o *homo faber* é perfeitamente capaz de ter um domínio público próprio”. Somente o *homo faber* possui a prerrogativa de criar o mundo, pois apenas ele tem a capacidade de obrar sobre a natureza, produzir utensílios e ferramentas e usá-los em prol da edificação de seu lar. Contudo, não podemos passar despercebidos quanto à apropriação que a atividade do trabalho tem feito do mundo¹⁶. Com vistas ao seu potencial destrutivo, merece destaque o *animal laborans*, o *modus vivendi* do homem moderno, que é um ser escravizado pelo próprio ciclo vital. De habitante da Terra e no usufruto de seus recursos naturais, o homem *qua* ser, que

¹⁶ Duarte (2002, p. 64), em consonância com Arendt, afirma que esse espaço “comum deixa de ser o centro dos cuidados e das preocupações dos homens quando estes se compreendem como trabalhadores e concebem suas atividades mundanas em termos do trabalho e do consumo”.

labora, mudou seu recinto e fez do mundo o *locus* primordial de seu consumo destrutivo. Não obstante, “a não mundanidade decorre da expelição do *animal laborans* do mundo (tanto do mundo artificial do *homo faber*, com o qual tem contato apenas mediante as ferramentas e utensílios, quanto, principalmente, do mundo comum dos agentes políticos)” (CORREIA, 2014, p. 86). Em sua vivência bipolar, o *animal laborans* é tanto habitante da Terra quanto do mundo, e devora ambos quotidianamente no intuito de alimentar a própria vida, visto que o trabalho é a “atividade em que buscamos manter o metabolismo do nosso corpo com a natureza, sendo alheia ao mundo instaurado *em torno* (abrigo) e *entre* (assunto) os homens” (ALVES NETO, 2009, p. 188).

Ainda no tocante à era moderna, a teórica política ressalta que a emancipação do *animal laborans* foi propiciada pela ênfase dada pelo homem à privacidade, ou seja, a vida que transcorre na esfera privada. Distinta da moderna glorificação da atividade do trabalho, fenômeno que sobreveio à proeminência pública da vida levada entre as quatro paredes do lar, Arendt (2016, p. 79) ressalta que, no mundo antigo, a esfera privada era concebida “como que o outro lado escuro e oculto do domínio público”. Em contraposição à existência *entre* os homens, desde os primórdios da humanidade, tem-se conhecimento de outra dimensão da vida, a saber: aquela que é própria do âmbito doméstico. Não por menos, “uma das características da privacidade, antes da descoberta do íntimo, era que o homem existia nessa esfera não como um ser verdadeiramente humano, mas somente como exemplo da espécie animal humana” (ARENDRT, 2016, p. 56). No entanto, sob a perspectiva arendtiana, uma particularidade de nossa época, quando, associada à alienação do mundo, houve o direcionamento da atenção humana para a esfera privada¹⁷.

Tendo em vista o fato de que a moderna alienação não somente possibilitou o alargamento da mentalidade técnico-científica do *homo faber*, mas desocultou o animal presente em todo ser humano, no escopo das reflexões arendtianas está o perigo da projeção pública do *animal laborans*. Contudo, analisar em que consiste a periculosidade do animal humano – o *animal laborans* – demanda termos clareza do que vem a ser essa exímia expressão do homem moderno. Na contramão de nossa época, Arendt (2016, p. 103) explicita que, para os gregos, “tudo o que os homens tinham em comum com outras formas de vida animal não era considerado humano”. Nesse sentido, valemo-nos da linha de raciocínio

¹⁷ Considerando o pensamento político grego, Coelho Vaz (2016, p. 214) destaca que “segundo Arendt, para os antigos ter vida privada era característica dos indivíduos impedidos de ter uma vida pública: daqueles que não eram totalmente humanos, porque não se mostravam em público, cuja existência era privada de publicidade”.

arendtiana e, portanto, remontamos ao mundo antigo, momento histórico que constituiu bases para a distinção¹⁸ entre as esferas pública e privada e a compreensão que a pensadora tem do *animal laborans*. Remontando ao pensamento político antigo, Arendt salienta que são especificidades da esfera privada: I. A preocupação com a manutenção do processo vital humano; II. Os interesses atrelados à sobrevivência e os que dizem respeito à família; e III. A ênfase na individualidade e nas necessidades da criatura viva. Enfim, “o domínio privado do lar era a esfera na qual as necessidades da vida, da sobrevivência individual e da continuidade da espécie eram atendidas e garantidas” (ARENDR, 2016, p. 56).

Correspondente à vulnerabilidade do homem que necessita da proteção do lar, na hierarquia da *vita activa* é exposta a atividade do trabalho¹⁹, mais especificamente aquela com a qual são providos os meios de subsistência e, assim, assegurada a vida nua e crua. Segundo Arendt (2014, p. 45), “não somente em Atenas, mas por toda Antiguidade e até a Idade Moderna, aqueles que trabalhavam não eram cidadãos e os que eram cidadãos eram, antes de mais nada, os que não trabalhavam ou que possuíam mais que sua força de trabalho”. Embora o trabalho seja considerado uma das atividades em que o homem está ativo, no mundo antigo “trabalhar significava ser escravizado pela necessidade, e essa escravização era inerente às condições da vida humana” (ARENDR, 2016, p. 103). Destarte, em consonância com os gregos²⁰ arcaicos, a teórica política alega que na privatidade se encontra a dimensão animal do homem, bem como suas preocupações com as necessidades biológicas e com o *idion*, isto é, aquilo que é particular de cada homem. Ainda que os gregos não tivessem noção do que entendemos por privatidade, só foi possível formular esse conceito, pois desde a Antiguidade clássica existe uma demarcação entre a esfera público-política e a privada. Tudo o que remete ao corpo vivo da criatura humana compete à esfera privada – o âmbito doméstico e íntimo – e, por conseguinte, Arendt (2016b, p. 177) é enfática ao afirmar que o “lar [...] era não apenas o lugar onde o homem era dominado pela necessidade e pela coação, mas também o lugar onde a vida de cada indivíduo [...] estava assegurada, onde tudo estava organizado para atender às necessidades vitais”.

¹⁸ No tocante ao fundamento dessa diferenciação, Celso Antônio Coelho Vaz (2016, p. 212) explicita que “para os gregos [...] [ela] baseava-se na distinção entre o mundo da liberdade e o mundo da necessidade. Na esfera privada ou social é a necessidade de garantir a vida que engaja os homens em relações sociais”.

¹⁹ Analisando essa atividade a partir da perspectiva arendtiana, Duarte (2002, p. 68) alega que “Arendt jamais pretendeu reduzir o trabalho ao plano da pura animalidade; pelo contrário, tratava-se de recordar que, apesar de todo homem ser necessariamente um *animal laborans*, ele também pode e deve ser algo mais do que isso”.

²⁰ A respeito da compreensão de homem difundida na Grécia arcaica, Odílio Alves Aguiar (2013, p. 90) salienta que “viver com os outros na forma da fala e da não violência era a marca maior do condicionamento humano das suas determinações instintivas, biológicas e da sua aparição como ser falante”.

No tocante às análises sobre a esfera privada, Arendt (2016, p. 89) considera que, “desde os primórdios da história até o nosso tempo, o que precisou ser escondido na privatividade tenha sido sempre a parte corporal da existência humana, tudo o que é ligado à necessidade do processo vital”. Dando destaque à tradição do pensamento político ocidental, é frequente a pensadora creditar a concepção de que é na privatividade que se encontra oculta a dimensão animal do homem. Isso, de certo modo, designa a *zoé*²¹, isto é, aquilo que concerne ao domínio da necessidade, sem dúvida, à fisiologia humana e ao engajamento com a atividade do trabalho. Porém, conforme elucida Arendt (2016, p. 59), “embora a extrema necessidade torne o trabalho indispensável à manutenção da vida, a última coisa a esperar dele seria a excelência”. No pensamento arendtiano, abordagens concernentes à esfera privada estão vinculadas ao desenrolar da modernidade, visto que ambas estão intimamente interligadas. Isso pode ser comprovado ao tomarmos como referência o fenômeno da alienação, o qual propiciou que na modernidade a privatividade viesse à luz do mundo comum.

No transcorrer da era moderna, “a mais privada de todas as atividades humanas, a do trabalho, foi tornada pública e lhe foi permitido estabelecer seu próprio domínio comum” (ARENDR, 2016, p. 137). Tal fato fica evidente quando refletimos sobre a crescente glorificação da atividade do trabalho, bem como a ascensão do *animal laborans*. Convém ressaltar que, no pensamento arendtiano, *animal laborans* é uma designação para o homem moderno, o que alude ao fato de este revolver-se dentro do próprio ciclo vital, consumir o entorno de seu *habitat* e, respectivamente, esvaziar o mundo público comum. Destarte, tomando como referência as peculiaridades de um período único da história humana, Arendt (2016, p. 146) alega que “o *animal laborans* não foge do mundo, mas dele é expelido na medida em que é prisioneiro da atividade do seu próprio corpo”.

Em suma, depreendemos que a moderna alienação corroborou para que a modernidade se diferenciasse de outros períodos históricos. Em contraposição ao mundo antigo, assinalado pela demasiada preocupação com o *koinon* – o que é comum a todos – e, por conseguinte, com o espaço da *pólis*, a pensadora salienta como traço distintivo de nossa época a ênfase na esfera privada. Em contrapartida, Arendt (2016, p. 103) resalta como exemplo a existência

²¹ Aristóteles foi um precursor ao elaborar a distinção entre esta espécie de vida que corresponde à dimensão natural e a *bíos* que alude a uma forma de vida propriamente humana, como exemplo a *bíos politikós* ou a *bíos theoretikós*.

política dos gregos²², para os quais “a instituição da escravidão na Antiguidade [...] não foi artifício para obter mão de obra barata nem um instrumento de exploração para fins de lucro, mas sim a tentativa de excluir o trabalho das condições da vida do homem”. É notória uma inversão de valores: se com os gregos do período arcaico tínhamos a exaltação do mundo comum, da *práxis* e da atividade política no âmbito da *pólis*, na modernidade a pensadora comprova que a proeminência da dimensão animal do homem é um fato consumado. Para Arendt (2016, p. 90), a era moderna é um período “que já não acreditava que as funções corporais e as preocupações materiais deviam ser escondidas”, ou seja, ocultadas na esfera privada.

Considerações finais

Discorrer sobre a modernidade a partir das análises arendtianas demanda atentarmos para a relevância da atividade de fabricação, o que sobreveio às descobertas no campo da ciência e da tecnologia, bem como as referentes à morada do homem. Nessa perspectiva, cabe ressaltarmos que, para Arendt, essa realidade se tornou plausível dados as proporções e o alcance das transformações ocorridas no mundo pré-moderno, o que sucedeu na era moderna propiciando o alargamento da mentalidade do *homo faber*. Assinalado por um conhecimento lógico-científico, pautado nas categorias de meios e fins e centrado na produção, o modo de pensar próprio do *homo faber* tornou-se um hábito do homem moderno. Todavia, esse fenômeno de ampliação do poder senhorial humano conquistado, sobretudo com a ajuda do *homo faber*, não foi de todo positivo, uma vez que, para a pensadora, considerada sob o ponto de vista político, a ênfase na capacidade humana de produzir tornou-se ameaçadora.

Ao ponderar sobre a temática em questão, a saber: as implicações políticas da moderna alienação do mundo, Arendt expõe que, de imediato, esse fenômeno desencadeou o progresso das ciências naturais. Isso, em termos mais evidentes, corroborou para que a atividade de fabricação, exímia expressão da criatividade e produtividade humanas, tivesse lugar de destaque. Não obstante, os cientistas, que são os que melhor representam o avanço da racionalidade técnico-científica e, por conseguinte, o exercício das potencialidades do *homo faber*, tornaram-se pessoas com autoridade. São os profissionais da ciência que não só têm o mundo em suas mãos, mas a natureza terrestre. Isso que dizer que, com seus conhecimentos,

²² Aludindo à compreensão da esfera pública, Arendt, em consonância com os gregos do período arcaico, adverte que nesse âmbito as preocupações não são referentes à vida *qua* vida. Nesse sentido, considerando a ambivalência da vida humana, a pensadora política ressalta que no mundo antigo a preferência se voltava para a *bíos politikós* ao passo que, com os modernos, há o esvaziamento do cenário político direcionado à centralização humana na privatidade.

experimentos e poder, são eles quem decidem sob que condições os homens irão viver. De acordo com a teórica política, o que era para ser a maior conquista humana, sem dúvida, o alcance impensado com que o homem tomou posse de seu *habitat* natural e artificial, desembocou na perda da confiança²³ no mundo e na decadência da dignidade humana no tocante à participação política.

Aos olhos da era moderna, sob a luz da alienação humana do mundo, Arendt enfatiza que a degradação da dignidade humana teve início com a redução do homem na condição de mero fabricante de coisas, o qual poderia desenvolver-se plenamente no isolamento que sua atividade demanda. Entretanto, os desencadeamentos modernos não findaram com o *homo faber*, mas tiveram maior dimensão com a emancipação do *animal laborans* e, por conseguinte, com o contentamento humano em ter uma subexistência. Sob esse aspecto, a ameaça iminente à esfera pública decorre do fato de o homem moderno preocupar-se única e exclusivamente com a sua individualidade, a qual basta para que ele produza coisas e consiga manter-se vivo. Subexistir pode ser compreendido no pensamento arendtiano como politicamente perigoso, tendo em vista que o homem se contenta em ser meramente um animal humano e, dessa forma, seu envolvimento com o mundo e com o outro torna-se praticamente impossível.

²³ No que concerne à perda da confiança humana no mundo e nos sentidos, para a qual corroborou a introspecção cartesiana, observamos que sob a perspectiva arendtiana esse fato resultou no aumento da credibilidade da cognição humana. Conforme ressalta Correia (2014, p. 50), “no âmbito da própria *vita activa* há [...] uma inversão: as atividades de fazer e fabricar, prerrogativas do *homo faber*, ocupam o espaço antes cabido à ação no posto mais alto da hierarquia das atividades humanas”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Odílio Alves. *Hannah Arendt sobre o trabalho, a questão social e a Filosofia da História*. In: KUSKOSKI, Matheus Soares; SCHIO, Sônia Maria. *Hannah Arendt: Pluralidade, Mundo e Política*. Porto Alegre: Observatório Gráfico, 2013. p. 87-98.

ALVES NETO, Rodrigo Ribeiro. *Alienações do mundo: uma interpretação da obra de Hannah Arendt*. Rio de Janeiro: PUC-RIO; São Paulo: Loyola, 2009.

ARENDDT, Hannah. *Origens do Totalitarismo*. Tradução Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

_____. *Entre o Passado e o Futuro*. Tradução Mauro W. Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 2014.

_____. *A condição humana*. Tradução Roberto Raposo. Revisão técnica e apresentação Adriano Correia. 13. ed. rev. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2016.

_____. *A promessa da política*. Tradução Pedro Jorgensen Jr. 6. ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2016b.

COELHO VAZ, Celso Antônio. *A ascensão do social e a privação da presença pública*. In: CONCEIÇÃO, Edilene Maria da [et al.] (Org.). *Hannah Arendt: pensamento, revolução e poder*. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2016. p. 209-218.

CORREIA, Adriano. *Hannah Arendt e a modernidade: política, economia e a disputa por uma fronteira*. 1. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

DUARTE, André. *Hannah Arendt e a modernidade: esquecimento e redescoberta da política*. In: CORREIA, Adriano (Coord.). *Transpondo o abismo: Hannah Arendt entre a filosofia e a política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002. p. 55-79.